



ESTUDOS NIETZSCHE

Vol. 16 - N. 2 ISSN 2179 - 3441

Paralelos possíveis entre Nietzsche e Celso: sedição e ressentimento

Possible parallels between Nietzsche and Celsus: sedition and resentment

Adilson Felício Feiler 

Professor de Filosofia Contemporânea na Faculdade de Filosofia e Teologia – FAJE.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Contato: feilersj@yahoo.com.br

Resumo: Em que medida é possível aproximar as invectivas de Celso de conciliar o monoteísmo filosófico com o politeísmo político da filosofia e do Estado das críticas ao Cristianismo em seu aspecto moral é uma das metas a que se propõe esta investigação. Todo o esforço de Celso contra a sedição que envolve a política e a cultura da essência do Cristianismo, a revolta contra a própria essência do Cristianismo se aproxima do problema do ressentimento que se depreende das análises de Nietzsche do Cristianismo como dispositivo de contraforças, ou seja, de sentimentos de vingança e de ódio. A revolta das ações contra as leis do Estado se aproxima do ressentimento em Nietzsche. Por essa razão, as críticas de Celso ao Cristianismo têm em Nietzsche a sua atualização. Consistem estas em críticas no que tange à relação entre Igreja e Estado, precisamente à tendência de imposição da Igreja sobre as questões relativas ao Estado. Portanto, trata-se, em ambos os autores, de uma crítica ao Cristianismo subversivo, de se impor sobre o Estado. E, desta crítica do Cristianismo sobre o Estado, se depreende uma visão de ressentimento, pela incapacidade de interposição de forças capazes de superação.

Palavras-chave: Nietzsche, Celso, Cristianismo, Moral, Crítica

Abstract: The extent to which Celsus's invectives, reconciling philosophical monotheism with the political polytheism of philosophy and the State, can be reconciled with his critiques of Christianity in its moral aspect, is one of the goals of this investigation. Celsus's entire effort against the sedition that involves the politics and culture of the essence of Christianity, the revolt against the very essence of Christianity, approaches the problem of resentment that emerges from Nietzsche's analysis of Christianity as a counterforce—that is, feelings of revenge and hatred. The revolt of actions against the laws of the State resembles resentment in Nietzsche. For this reason, Celsus's critiques of Christianity are updated in Nietzsche. They consist of critiques of the relationship between Church and State, specifically the Church's tendency to impose itself on matters relating to the State. Therefore, in both authors, it is a critique of subversive Christianity, of imposing itself on the State. And, from this critique of Christianity on the State, a vision of resentment can be inferred, due to the inability to interpose forces capable of overcoming it.

Keywords: Nietzsche, Celsus, Christianity, Morality, Criticism

Todo o esforço de Celso contra a sedição que envolve a política e a cultura da essência do Cristianismo, a revolta contra a própria essência sobre o Cristianismo

se aproxima do problema do ressentimento que se depreende das análises de Nietzsche do Cristianismo como dispositivo de contraforças, ou seja, de sentimentos de vingança e de ódio. A revolta das ações contra as leis do Estado se aproxima do ressentimento em Nietzsche. Por essa razão, as críticas de Celso ao Cristianismo têm em Nietzsche a sua atualização. Consistem estas em críticas no que tange à relação entre Igreja e Estado, precisamente à tendência de imposição da Igreja sobre as questões relativas ao Estado. Portanto, trata-se, em ambos os autores, de uma crítica ao Cristianismo subversivo que se impõe sobre o Estado. E, desta crítica do Cristianismo sobre o Estado, se depreende uma visão de ressentimento, pela incapacidade de interposição de forças capazes de superação.

Celso conduz, em seus escritos, uma análise política e cultural da essência do Cristianismo, de modo a perceber como essas esferas influenciam a sua história. O Cristianismo é criticado por ele por considerá-lo uma religião de torpeza e de sedição, que se constitui em uma ameaça constante ao Estado.

Destas análises de Celso sobre a postura dos cristãos frente a ordem estabelecida se investe numa aproximação da leitura que contemporaneamente Nietzsche faz sobre a forma que a sublevação dos cristãos assume. Um dos aspectos pelos quais os cristãos reivindicam supremacia sobre a ordem social e política estabelecida é a dimensão de “Reino de Deus”. Por essa expressão, tanto Celso como Nietzsche investem contra o Cristianismo, acusando-o de abandono e recusa do mundo da vida. Psicologicamente falando, negar o mundo com tudo o que a este pertence, se traduz em ressentimento.

O itinerário que a presente pesquisa percorre principia com uma leitura dupla a respeito de como a sublevação dos cristãos é lida tanto por Celso como por Nietzsche. Como consequência dessa sublevação cristã, segue-se um segundo momento em que se aproxima das leituras de Celso e de Nietzsche sobre a noção cristã de “Reino de Deus”. Por fim, em um último momento, mostra-se o caminho para o qual se direciona a ênfase que se dá ao Reino de Deus em detrimento do Reino do Mundo, mediante a noção de ressentimento.

O autor Celso é de nome Romano, mas escreveu a sua obra em grego. É um autor versado em filosofia platônica, muito interessado no fenômeno religioso e social de seu tempo e muito apaixonado pela ordem da lei do Estado. É muito provável que sua obra tenha sido escrita em 178¹. Celso nega a divindade de Jesus, a descida de Deus ao mundo, bem como a fé em uma providência divina. Tudo isso, para ele, é absurdo. O Cristianismo é criticado por Celso por considerá-lo uma religião de torpeza e de sedição, que se constitui em uma ameaça constante ao Estado. Celso possui um espírito altamente polêmico com seu escrito, criticando a maneira pela qual o Cristianismo tem se imposto como uma nova fé contra a filosofia e a política do Estado.

¹ Em seu *Manual de Patrologia*, Hubertus Rudolf Drobler, informa que: “O platônico alexandrino Celso compôs por volta de 178 um escrito polêmico com o nome de *Αληθής Λογος* contra os cristãos.” (DROBNER, 2002, p. 74).

Os cristãos contrariam a própria razão ao tributar a fé em sacerdotes ascéticos, que se prestam a enganar seus fiéis. Contudo, esses seguidores da fé cristã não são treinados a questionar, senão apenas a “não indagar”, mas a eles se diz: “tenha fé” e “a tua fé te salvará”, de maneira que Celso conclui: “A sabedoria do mundo é um mal, a loucura um bem” (CELSE, 1,9, p. 69). Apesar da distância cronológica, tal afirmação se coaduna com a visão nietzschiana de que tudo aquilo que é baixo e fraco passa a ser um bem, e tudo o que é alto e nobre passa a ser um mal. É nesse sentido que Nietzsche dirá que o Cristianismo é motivado por uma psicologia degenerada: “[...] é a psicologia do cristianismo; o nascimento do cristianismo do espírito do ressentimento, *não* como se crê, do ‘espírito’ – um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores *nobres*” (EH, Genealogia da moral). Tudo aquilo que é considerado alto, forte e biológica e psicologicamente saudável, passa a ser considerado perigoso e perturbador da ordem estabelecida.

A subversão é lida, mediante as análises de Celso, como uma contraforça, como inspiração de um sentimento de fraqueza, que se mostra incapaz de enfrentar, porque capaz apenas de subverter. Portanto, trata-se de um ressentir, de sentir para trás, de sentir novamente. Esse sentimento de subversão é, também para Nietzsche, um ressentimento. Eugen Fink, a esse respeito, mostra que é justamente pelo início da “moral a sublevação dos escravos, [que] começa o cristianismo” (FINK, 1988, p. 142). Este sentimento para trás, de vingança, é considerado tão forte que, nas palavras do filósofo alemão:

[...] nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a susceptibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bÍlis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido *em si* para o doente – *seu* mal: infelizmente também sua mais natural inclinação. (EH, Por que sou tão sábio 6).

Por isso, a subversão do Cristianismo, frente ao Estado, é lida, em Celso, como contraforça.

O ressentimento, nascido da fraqueza, a ninguém mais prejudicial do que ao fraco mesmo – no outro caso, em que se pressupõe uma natureza rica, um sentimento *superfluo*, um sentimento tal que dominá-lo é quase a prova da riqueza. Quem conhece a seriedade com que minha filosofia perseguiu a luta contra os sentimentos de vingança e rancor, até ao interior da doutrina do “livre arbÍtrio” – a luta contra o cristianismo é apenas um caso particular dela –, compreenderá por que coloco exatamente aqui em evidência meu comportamento pessoal, minha *segurança instintiva* na prática.” (EH, Por que sou tão sábio 6).

O Cristianismo, segundo Celso, é considerado uma associação que se une para se colocar contra a lei civil de uma maneira clandestina. Baseado num poder superior, o Cristianismo se arroga o direito de transgredir a lei comum. Essa noção

de transgressão diz respeito à noção de revolução, que Nietzsche vê como inspirada pelo ressentimento, sobre o qual será tratado com mais vagar. Na noção de transgressão se associa um sentir patológico, que é, como recorda Vânia Dutra de Azeredo, uma “[...] incapacidade de agir e reagir à excitação” (AZEREDO, 2016, p. 365). Nesse sentido, tal associação é comparada com o movimento liderado por Sócrates, de deixar de seguir os ensinamentos e leis existentes e inaugurar outros. A tal ponto de, como lembra Ingrid Flórez Fortich, ser considerado um movimento de “[...] mediocrização dos seres humanos que começou com Sócrates e Cristo” (FORTICH, 2010, p. 76). Ou, como assinala Domenico Losurdo, em suas análises sobre a crise da cultura, assinalando: “[...] a liquidação da Modernidade ao mesmo tempo utilitarista e destrutiva iniciada com Sócrates.” (LOSURDO, 2016, p. 21). Sócrates é, da mesma forma, também criticado por Nietzsche pelo seu sentimento de revolta, portanto, por seu ressentimento frente à ordem e à lei estabelecidas, tal como se depreende dessas palavras do filósofo alemão:

– É a ironia de Sócrates uma expressão de revolta? de ressentimento plebeu? Goza ele, como oprimido, de sua própria ferocidade nas estocadas do silogismo? *Vinga-se* ele dos homens nobres a quem fascina? – Como dialético, tem-se um instrumento implacável nas mãos; pode-se fazer papel de tirano com ele, expõe-se o outro ao vencê-lo. O dialético deixa ao adversário a tarefa de provar que não é um idiota: ele torna furioso, torna ao mesmo tempo desamparado. O dialético *tira a potência* do intelecto adversário. – Como? A dialética é apenas uma forma de *vingança* em Sócrates? (CI, O problema de Sócrates 7).

A doutrina cristã não representa novidade alguma, seja na parte ética, seja no culto devido às imagens. Não há no Cristianismo nenhum ensinamento elevado e novo, porque sua doutrina se encontra ligada a outros pensadores, como Platão² e Sêneca. Além de não apresentar nada de novo, o Cristianismo é também nada viril, assim como também mesquinho e enraivecido. Os cristãos se entregam cegamente a Deus, repetem que por Deus tudo será possível, afirmando uma vida definitiva em seu Reino. Quais as implicações da defesa do advento desse Reino?

A criação dessa ideia de um Reino de Deus para além do mundo³ é, da mesma forma, criticada por Nietzsche como sendo a mais forte expressão de vingança diante da morte de Jesus; portanto, como um desevangelho:

² Drobner “Reconhecia perfeitamente a doutrina dos cristãos sobre o logos, que podia facilmente se harmonizar com a filosofia platônica ou sincretista da época, assim como sua moral elevada e conduta modelar de vida, o que também seria um objetivo da verdadeira filosofia” (DROBNER, 2002, p. 156).

³ Tudo aquilo que vai além deste mundo evoca uma visão idealista, altamente criticada por Nietzsche, como podemos acompanhar mediante as reflexões de Robert Pippin: “[...] a objeção de Nietzsche ao idealismo não é meramente que ele falsifica o mundo – por pretender que há um Deus, por exemplo, ou por que liberdade no ‘sentido superlativo metafísico’ é possível.” (PIPPIN, 2012, p. 227).

Mas seus discípulos estavam longe de *perdoar* essa morte – o que teria sido evangélico no mais alto sentido; ou mesmo de *oferecer-se* para uma morte igual, com meiga e suave tranquilidade no coração... Precisamente o sentimento mais “inevangélico”, a vingança, tornou a prevalecer. A questão não podia findar com essa morte: necessitava-se de ‘reparação’, ‘julgamento’ (– e o que pode ser menos evangélico do que ‘reparação’, ‘castigo’, ‘levar a julgamento’!) Mais uma vez a expectativa popular de um Messias apareceu em primeiro plano; enxergou-se um momento histórico: o “Reino de Deus” vai julgar seus inimigos (AC, 40).

Para o público, pode bastar a afirmação de que os males não vêm de Deus, mas são apenas concedidos à matéria e aos cidadãos de direita na esfera moral. Da esfera moral, procede-se toda a oposição e dicotomia responsável por degenerar a vida: “[...] a oposição entre uma moral *nobre* e uma moral chandala nascida do *ressentiment* e da vingança impotente” (AC, 45). Do princípio ao fim o ciclo moral é sempre igual e, necessariamente, segundo as revoluções estabelecidas, aconteceram, acontecem e acontecerão as coisas da mesma forma. Por essa razão, como recorda Roberto Machado, “Tirar os valores morais do lugar dos valores supremos, que dominam e dão sentido a todos os valores, só será possível destruindo este valor que foi instituído pela própria moral” (MACHADO, 1984, p. 100). “O bem e o mal, na esfera moral não pode nem diminuir, nem aumentar, nem Deus sente a necessidade de uma correção ulterior, porque eles não operam de modo correto e perfeito, como um homem quando fabrica qualquer coisa” (CELSO, IV, 69, p. 163). A concepção de anjos e demônios dos cristãos tem promovido uma fratura e corrupção no pensamento grego. Os cultos de todos os povos são válidos, e, por essa razão, aqueles cultos da tradição hebraica não podem ser considerados superiores aos demais. O deus dos cristãos é o deus da magia, portanto, que enganou a todos. A doutrina cristã possui contradição na sua base, pois traz elementos da Grécia e da tradição judaica. Os cristãos não demonstram o conteúdo de sua doutrina, senão apenas ensinam uma certa fé. Eles sustentam que tudo o que representa a sabedoria humana é estultícia diante de Deus⁴. Por essa razão, os cristãos ensinam apenas o conteúdo da sabedoria divina, mas isto aos ignorantes. Razão pela qual urge uma transvaloração de todos os valores da cultura moderna, como recorda Oswaldo Giacoia Junior, nesta passagem: “Um dos aspectos mais marcantes da obra de Nietzsche consiste em sua crítica devastadora dos ideais e valores cultuados pela modernidade cultural” (GIACOIA JR, 2022, p. 10).

Na cultura foram forjados inúmeros valores, entre os quais os do Cristianismo se sobressaem, como o conceito de Filho de Deus, ligado à dimensão de criação do mundo. A concepção de criação do mundo é muito ingênua. Celso, ao criticar esta concepção de Filho de Deus (“Devo tratar da questão de Jesus, o assim chamado salvador, que ensinou novas doutrinas e foi considerado Filho de Deus”

⁴ Karl Jaspers reflete sobre a contradição que opera o Cristianismo ao converter o homem em Deus, quando, na verdade, Deus se torna homem em Jesus. “Que Deus se convertera em homem, significa que o homem não deve buscar sua beatitude no mais além, senão fundar seu céu na terra.” (JASPERS, 2001, p. 08).

(CELSE, p. 56-7)), cuja morte é mais uma vez resultado da vingança de um apenas que se considerava Filho de Deus, e este morreu na cruz, com isso, com essa morte, mais uma vez a vingança judaica tem lugar: “[...] sua vingança foi *exaltar* extravagantemente Jesus, destacá-lo de si: assim como os judeus de outrora, por vingança contra os inimigos, haviam separado de si e erguido às alturas o seu Deus. O único Deus e o único filho de Deus: ambos produtos do *ressentiment...*” (AC, 40). O homem foi criado e colocado no paraíso, contudo, pelo pecado lhe foi emitida uma expulsão do paraíso para viver em um lugar oposto ao jardim.

A atitude do ressentido é a daquele que busca a todo o momento se refugiar em subterfúgios, pondo-se às escondidas e fazendo da inteligência uma forte arma, mediante a qual subjaz os seus instintos e demais propriedades. Ele, da mesma forma, faz de sua capacidade de não esquecimento um de seus maiores flagelos, de modo a, em todo o momento, ter presente diante de si as imagens gravadas em sua memória, seus insultos e baixezas a condicionar contínua e permanentemente a si mesmo, e, por consequência, nos outros, pelo envenenamento de seu agir. Desse modo, se, com Celso, se constata nos cristãos uma atitude de sedição para com as autoridades civis, em nome de uma obediência a um Deus que é supremo e divino, então essa sua mesma atitude acaba por influenciar a massa do povo naquela mesma direção. Não basta que simplesmente experimentem a ruptura, mas também influenciem a outros da mesma experiência. E isto, na simples submissão, pela fé, a esse Deus único e todo poderoso⁵, de quem se espera unicamente receber algo, eximindo-se assim de agir, pois sua própria ação não representa nada diante da magnitude desse Deus. Esse mesmo Deus serve sempre de substrato por trás de toda a ação, de modo que o homem que age já não conta mais, e sim Aquele por quem, para quem e mediante quem se age. Deus passa a ser o articulador de toda e qualquer ação, destituindo assim ao humano toda e qualquer capacidade no sentido de criar, para restituir nada senão o ódio e a vingança, propriedades típicas do homem do ressentimento. Para que o ódio não prevaleça, se faz necessário que se empreenda um contra-ataque aos instintos degenerados judaico-cristãos, expressos sob a consigna do amor e do altruísmo. Em que medida todo esse cultivo do amor e altruísmo vem a se expressar em forma de ressentimento?

O ressentimento⁶ se expressa de forma bastante sutil, como se constata pelas consignas de amor e de mansidão com as quais os cristãos têm buscado justificar as suas ações, mas que, no fundo, são movidos pelo ódio e pela vingança, e, por essa razão, pela reação. Assim como Celso mostra em seus escritos a sedição

⁵ Claudio Moreschini, ao refletir sobre a polêmica de Celso contra os cristãos, observa: “(...) a sua recusa do fato de que Deus ou o filho de Deus jamais tenha descido ou jamais possa descer entre os homens” (MORESCHINI, 2008, p. 98).

⁶ De acordo com Robert Pippin, o ressentimento consiste num sentimento negativo contra o mestre opressivo: “(...) um sentimento reativo e negativo contra o mestre opressivo o qual Nietzsche chama de ‘ressentimento’” (PIPPIN, 2012, p. 207).

que os cristãos movem contra a ordem estabelecida⁷, Nietzsche constata no ressentimento a sedição expressa mediante o anarquismo:

[...] o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemitas, [...] como a violeta, embora com outro cheiro. E como do que é igual sempre brotarão iguais, não surpreende ver surgir, precisamente destes círculos, tentativas como já houve bastantes [...] de sacralizar a *vingança* sob o nome de *justiça* [...] e depois promover, com a vingança, todos os afetos reativos (GM II 11).

É pela contraforça do rancor, do ódio e da vingança que o ressentimento vai marcando a sua presença. Por essa razão, em Celso pode ser aplicada uma interpretação pré-nietzscheana do cristianismo como religião do ressentimento. É insuportável ao ressentido o deparar-se com o instinto de força, de afirmação daqueles instintos promotores de vida⁸. Em sua hostilidade à vida, o ressentido tem no ideal ascético a sua ferramenta de trabalho principal, e no sacerdote ascético, o seu executor:

[...] uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciável instinto e vontade de poder que deseja assenhorar-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo (GM III 11).

A força que o ressentido utiliza para atacar a fonte e a raiz de toda a força consiste na contraforça, naquele movimento de anarquia, de desestabilização da ordem estabelecida em prol do desmonte e desajuste da ordem promovida pelos fortes, nobres e venturosos. A força, nobreza e ventura dos nobres são insuportáveis aos ressentidos, razão pela qual lhes resta não agir, pois para tanto se mostram incapazes, mas sim, reagir, reação cujos reflexos se expressam no ódio, na vingança, e “estes são todos homens do ressentimento, estes fisiologicamente desgraçados e carcomidos, todo um mundo fremente de subterrânea vingança, inesgotável, insaciável em irrupções contra os felizes” (GM III 14). E é justamente contra os felizes e venturosos que os ressentidos buscam insuflar o sentimento de culpa, como uma doença que não basta apenas ser acometido aquele que dela sofre, mas, mais do que isso, ele a dissemina, num processo de sedição constante dos cristãos.

A sedição, de acordo com a leitura da Crítica de Celso ao Cristianismo, é motivada por uma força voltada para trás, mediante “[...] diversos métodos de persuasão, e inventam um número de incentivos terrificantes. Sobretudo eles têm

⁷ A sedição dos cristãos levou a destruir a religião e a sociedade civil. Os cristãos não ensinam nada de muito sábio, daquilo que ensinava Heráclito, que via o que significava pregar para uma estátua, que é o mesmo que pregar a um muro. (cf. CELSO, VII, p. 259).

⁸ Robert Pippin reflete sobre a contradição do Cristianismo por ter se colocado contra a vida: “O Cristianismo fracassou por tratar Cristo como um exemplar, e assim ter falsificado o significado que tem o seu ‘caminho da vida’” (PIPPIN, 2012, p. 230).

inventado uma doutrina absolutamente ofensiva da punição e recompensa eterna” (CELSO, p. 70). Tais invenções se traduzem no fenômeno que Nietzsche destaca no fenômeno do ressentimento, pois se trata de um contra-sentimento, um sentimento voltado para trás. Assim como na sedição, o ressentimento é movido por uma contraforça, e, por essa mesma razão, não constrói, não cria, apenas degenera. Nas palavras de Robert Pippin, o ressentimento promove uma fisiologia decadente. “Por isso as imagens da modernidade de Nietzsche são imagens fisiológicas de uma exaustão e doença final ou decisiva” (PIPPIN, 2017, p. 308). Portanto, a sedição, em Celso, através “[...] da punição dos injustos e da recompensa dos abençoados” (CELSO, p. 70), funciona como doença e cansaço da vida. O mesmo é dito por Nietzsche quando menciona a: “Rebelião escrava na moralidade” (FP 1887, 8[4]). Os que sofrem do ressentimento, muito além de não perceber o fato da reação, também operam uma inversão, ao: “[...] interpretar o próprio ressentimento como virtude” (FP de 1887, 8[4]). Desse modo, mais uma vez, como antes analisado, o ressentimento atua de forma sutil, de modo a fazer com que não se o identifique como tal, mas como algo oposto do que realmente é, como: “[...] encontrado sob o fundamento do ressentimento ordinário algo de si mesmo romântico” (Carta de 24 de novembro de 1887 a Heinrich Köselitz).

Ao defender o império, Celso se mostra como aquele que se ergue em defesa da nação e de tudo o que a ela oferece suporte, como é, por exemplo, a religião do império, marcada pelo politeísmo. “A religião dos cristãos não é dirigida diretamente a uma ideia, mas ao crucificado Jesus, e isso certamente não é melhor do que a adoração de cães ou cabras no seu pior sentido” (CELSO, p. 71). A diversidade de divindades, de acordo com a leitura de Celso, acaba sendo muito mais realista por atender à diversidade de pessoas que compõem o império. Ao passo que o monoteísmo judaico cristão acaba fugindo ao realismo propugnado por Celso, pois acaba por obrigar a diversidade das pessoas a ter que se conformar a um Deus único, e, por isso, estranho ao seu modo de vida. Por essa razão, o monoteísmo judaico cristão age por desapropriar aquilo que é genuinamente presente na vida de cada um, obrigando-os a comungar de um antirrealismo. Este fenômeno, de acordo com Nietzsche, se traduz como moral de rebanho e consequente apequenamento do animal homem, desprovido-o de seu topos: a terra, para o situar em um além, contrário, e mesmo inimigo a tudo o que inspira vida neste mundo, com todos os instintos que lhe fazem parte. Para emprestar uma terminologia de Celso, se comete uma verdadeira sedição, uma ruptura com o mundo e com tudo o que dele demanda para se entregar a um mundo além, fictício e sem garantias de experiências vitais. “Eles professam sua fé em um deus fantasma que apareceu apenas aos membros de seu fã-club” (CELSO, p. 71). Sem o usufruto destas experiências, próprias do mundo da vida, ao invés de se gozar de

um verdadeiro sentir criador, portanto, um sentir para a frente, se experimenta um ressentir, não criador, por isso, um sentir para trás⁹.

Enquanto o sentir se caracteriza como uma experiência de abertura de plenitude em cada instante vivido, o ressentir se caracteriza como uma experiência de fechamento e de ruptura, em que a vida não se compreende em seu todo pleno, mas em uma segmentação acéfala, em que nada se cria. No ressentimento, as forças não são promovidas, e, com isso, tudo passa a degenerar, pois somente quando direcionadas para fora as forças criam, ao passo que para dentro apenas degeneram. Enquanto o verdadeiro sentir une, o ressentir separa, tornando incapaz e impotente o movimento do criar. Ao se colocarem contra o mundo instintivo, os cristãos impedem a descarga da força, e, com isso, do movimento do criar resta nada senão o ressentir e degenerar.

O direcionar-se das forças para fora, aqui é apenas no sentido de criar valores, para não confundir com o fora, no sentido de um fundamento externo, no qual se apoia o agir. Por isso, o sentido desse direcionar-se para fora criador de valores diz respeito a um voltar-se para a interioridade, a fonte da criação de valores. Trata-se de um movimento em direção aosi mesmo, que é, além de criador de valores, um movimento de afirmação da vida. O direcionar-se para si mesmo implica em um movimento contrário daquele da crítica de Celso aos cristãos, o da sedição, da ruptura. “Os cristãos reclamam que somente eles sabem o caminho correto para viver, e que se os filhos acreditarem somente neles, eles serão felizes e suas casas serão, do mesmo modo, felizes” (CELSE, p. 73). Por isso, direcionar-se a si mesmo equivale a não promover rupturas, e unir ao estabelecimento de vínculos de unidade, no sentido de fomentar uma totalidade orgânica. Pois, essa última somente pode se destacar à medida em que contar com o devotamento de um verdadeiro sentir, e que se experimenta as coisas em sua profundidade e plenitude. Ao passo que o ressentir provoca afastamento de si, e, por essa razão, ruptura e divisão. Ora, neste sentido, de acordo com a crítica de Celso, o Cristianismo acaba, em suas investidas contra o Estado, concorrendo contra os seus próprios princípios, porque “[...] eles não querem ter nada para fazer com homens tão corruptos como os pagãos” (CELSE, p. 73). Ao invés de criar unidade com o Império, rompe com ele, ao invés de sentir com ele, dele se ressent, como de um rival perigoso a lhe impetrar toda a sorte de infortúnios, quando dele na verdade se poderia contar como de uma instância a provocar um movimento para a frente a desencadear um quantum sempre maior de forças. Contudo, dentro da perspectiva cristã, toda essa rivalidade é lida moralmente. O Cristianismo prefere romper com o Estado, o tratando como uma força hostil, a

⁹ Adele Monaci Castagno, em seu verbete *Orígenes*, no Dicionário de Literatura Patristica, sobre o ressentimento que se depreende da invenção da morte do Filho de Deus diz: [...] Celso introduz uma prosopopeia onde faz falar, em seu lugar, um hebreu, que se dirige com um primeiro discurso diretamente a Jesus, criticando-lhe o nascimento ilegítimo, a pobreza social e cultural, e o fato de ser mago e charlatão e não o Filho de Deus. O hebreu, depois, pronuncia um segundo discurso contra os cristãos provenientes do judaísmo por terem abandonado a lei dos pais, por terem acreditado ser Filho de Deus um criminoso justificado com morte infame e por ter inventado histórias para mascarar um acontecimento tão vergonhoso.” (CASTAGNO, 2007, p. 1305).

impedir a realização de suas capacidades e potencialidades. Ao Estado estão implicadas todas as leis e regulamentos, como Walter Kaufmann observa ao demonstrar o quanto a fé em Cristo tem operado como uma espécie de vingança nos seguidores de Jesus, principalmente em Paulo: “[...] ele concebeu a fé em Cristo como com um substituto. Esta foi a sua ‘fuga’ e ‘vingança perfeita’ contra a lei e àqueles que a seguiram” (KAUFMANN, 1974, p. 344).

Ora, dessa pacificação conformista e passivista não é possível desencadear nenhum estímulo que conduza ao desencadeamento da força. Por essa razão, o resultado dessa passividade acaba sendo o da deterioração e degenerescência instintual, ou seja, a doença¹⁰. E, a quem é acometido por esta doença não resta nada mais senão romper, movido não pela força, e sim pela contraforça, que é resultado da inveja e do rancor, típico daqueles que, ao se sentirem incapazes do movimento de superação, ressentem.

Logo, a unidade, acima apresentada, refere-se ao movimento de direção da força que supera a tudo o que apresenta sedição e que separa, mediante o atuar na própria base de onde os sentimentos são gerados, neutralizando o ressentimento e promovendo o sentir em sua dimensão proativa. Nesse sentido, os cristãos, conforme Celso, se consideram vítimas pelo sistema interposto, que frequentemente os tem conduzido a negar as suas crenças em favor de elementos mundanos próprios da cultura, como o: “[...] conhecimento é uma doença para a alma, e a alma que adquire conhecimento perecerá” (CELSO, p. 75). Nas palavras de Nietzsche: “O Cristianismo original é abolição do Estado” (FP de novembro de 1887 – março de 1888, 11[239]). O resultado desta investida não poderia ser outro senão o ressentir. Da mesma forma, se os cristãos, de acordo com Nietzsche, se colocam na posição de buscarem afirmação pela fraqueza e passividade, então, eles têm como mola propulsora de seu agir o rancor e a inveja aos fortes. A moral atua no sentido de os impedir de enfrentar a situação, de se colocarem na posição de levar à superação. Por isso, a moral constitui um dos principais fatores a impedir a consecução da unidade, que é o fator fundamental para a superação da sedição e do ressentimento.

Considerações finais

Em Celso e em Nietzsche existem muitos aspectos de aproximação, que se alicerçam, sobretudo, quanto à crítica que ambos os autores fazem com relação ao aspecto sectário do Cristianismo, que se dá, sobretudo, pelo rechaço a todas as coisas desta terra e deste reino, em nome da exaltação de um reino considerado por ambos como ficção, seja como magia em Celso (CELSO, 1,6b, p. 65), ou como falsidade (*Falschheit*) em Nietzsche (AC, 51). Desse modo, tanto pela acusação aos

¹⁰ A passividade e degenerescência instintual cria uma disposição enferma, própria de como foram os diversos mecanismos utilizados pelos cristãos: “(...) o cristianismo absorveu o ensinamento e os ritos de todos os cultos subterrâneos do império romano, com todas as variantes absurdas que inventa uma razão enferma” (JASPERS, 2002, p. 20).

cristãos de efeitos sobrenaturais atribuídos a Jesus de Nazaré e seus seguidores, como pelos embustes atribuídos a estes, em ambas as críticas está implícita uma natureza comum e fundamental: a ameaça à vida. Em Celso, o Cristianismo age como contraforça: “[...] corruptora da vida humana” (CELSO, 1,20c e d, p. 77), assim como em Nietzsche como um veículo de formato para todas as concepções, pela consigna de “[...] além, se mata a vida” (AC, 58). Ora, em Celso e em Nietzsche, o significado de afirmação da vida, enquanto força, se expressa em diferentes manifestações, como é o caso do *Imperium Romanum*: “[...] o grande Sim a todas as coisas visível como *Imperium Romanum*, visível para todos os sentidos, o grande estilo não mais arte apenas, mas tornado realidade, verdade, vida...” (AC, 59). A vida tem, pelo Império Romano, alcançado um alto nível de afirmação, por isso, tudo que se coloca frente ao Império, como é o caso do Cristianismo, acaba se colocando contra a própria vida, já que o império é uma de suas fontes de expressão. Nietzsche chega a considerar o Cristianismo como “[...] o vampiro do *Imperium Romanum*” (AC, 58), como aquele que, ao chegar à sua própria fonte de vitalidade, acaba por enfraquecer e degenerar. Mas isso acontece porque o seu próprio executor é, em si mesmo, fraco e degenerado. Ora, fraqueza, degenerescência e doença estão na base de uma concepção segmentária, fragmentária de vida, quando ao interior da vida se elege uma parte que se afirma como valor supremo, em detrimento da outra que se subjugua como indecente, pecaminosa e excrescente.

O resultado dessa posição segmentária é o da vida que se coloca contra ela mesma, já que a sua dimensão de totalidade orgânica, responsável pela ativação de suas forças, acaba sendo neutralizada. Por essa razão, a compreensão de vida enquanto uma totalidade orgânica afirmativa é um aspecto comum a mover as críticas ao Cristianismo em Celso e em Nietzsche. No entanto, há também alguns aspectos de distanciamento em ambas as críticas, como é o caso da compreensão que esse tem da instituição Estado, Império Romano.

Embora Nietzsche pareça assumir esta bandeira de se investir no aspecto crístico autêntico do Cristianismo, esse não pode se assentar em uma teologia da cruz, da culpa e da superação, mas antes, da prática, assentada na valorização da vida, em todas as suas dimensões. Dessa forma, também o Império Romano como um mecanismo que traduza aqueles aspectos da vida orgânica, da luta, da força, do embate por buscar aumento, crescimento e domínio: uma espécie de encarnação da vontade de potência. O problema está na existência de elementos tipicamente moralizantes, presentes em maior ou menor nível em todas as instituições. Esses mecanismos tendem a conduzir a instituição a um engessamento, fazendo com que elas não avancem mais na direção do alavancamento de novas possibilidades. Se constata, assim, em Nietzsche, o quanto a marca do niilismo é forte, se fazendo sentir nos mais diversos mecanismos que compõem o tecido social.

A instituição, o Estado, a Igreja atuam no mundo da vida como um espetáculo, que cumpre o seu papel de proporcionar um quantum excessivamente sublime de refinada beleza e arte. Mas atua na presente duração do espetáculo,

sem ultrapassar o presente instante em que a vida demonstra sua expressão máxima de força. Ora, se este se expressa apenas durante este pequeno instante, mas um instante pleno, se faz necessário aproveitar ao máximo cada instante da vida.

Nietzsche até parece dar azo a uma leitura que aponte para o utilitarismo, quando enfatiza a importância de se fruir ao máximo cada instante da vida. No entanto, essa leitura utilitarista parece se esvanecer, quando o filósofo aponta a ausência de alguma meta a ser alcançada. Aqui, mais uma vez, se nota um certo distanciamento da leitura de Celso, para quem a instituição, seja a religião ou a sociedade civil, ocupa um papel de verdadeira meta na vida do mundo. Como visto, Celso, diferentemente de Nietzsche, é considerado um nacionalista. Neste sentido, o aparato institucional do Estado é fundamental. Embora Celso se adiante, em muitos aspectos, da crítica de Nietzsche à moral, acaba se afastando drasticamente ao firmar-se num tipo de concepção nacionalista. O nacionalismo carrega em si uma marca tipicamente gregária, o que aos olhos de Nietzsche opera como uma das principais expressões da moral, que inocula o veneno de suas prescrições ao rebanho, destituindo o indivíduo de suas credenciais: as pulsões instintivas, o gênio e a capacidade de criar. Ora, se Celso questiona um tipo de nacionalismo: o Cristianismo, por considerá-lo uma cópia bruta da filosofia de Sócrates e Platão, acaba por instaurar um outro tipo de nacionalismo, que se rege pelos ditames institucionais da sociedade civil, cognominado Estado. Para Nietzsche, o Estado se constitui por elementos fantasiosos que lhe são atribuídos pelos que se curvam diante dele em um gesto de adoração idolátrica. Por essa razão, o Estado acaba atuando na vida das pessoas como uma espécie de monstro frio a lhes impor mandamentos e ordenações que roubam e destituem a individualidade de cada um. O nacionalismo bovino, tal como é compreendido por Nietzsche, presidido por um Estado que atua como um monstro frio, gera subordinação e convencionalismos gregários, destituíntes da genialidade do indivíduo criador. As credenciais que são atribuídas ao Estado acabam reproduzindo as mesmas credenciais que foram atribuídas ao Cristianismo.

Desse modo, quando Celso critica o Cristianismo em prol de se fortalecer o *Imperium Romanum*, acaba por simplesmente mudar somente os nomes, já que o problema continua persistindo. Por isso, Celso não é capaz de conduzir a sua crítica ao Cristianismo até as suas últimas consequências, como, de alguma forma, faz Nietzsche. Este último, ao invés de substituir as instituições do Cristianismo para o Estado, busca solapar, desde a sua base, todos os elementos responsáveis pela constituição de um agregado social devotado a emitir ordenamentos morais. Celso, que realiza uma crítica revolucionária quanto ao Cristianismo, acaba por manter todos os princípios morais do Cristianismo, guardados sob a consigna do Estado.

Referências bibliográficas

- AZEREDO, V. D. de. Ressentimento (Ressentiment). Dicionário Nietzsche. Col. Sendas e Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 364-366.
- CASTAGNO, A. M. Orígenes. Dicionário de Literatura Patrística. Org. Angelo di Berardino, Giorgio Fedalto, Manlio Sominetti. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007. pp. 1292-1311.
- CELSO. Contro i cristiani. Trad. Salvatore Rizzo. O Classici della Bur. Milano; Biblioteca Universale Rizzoli, 1989.
- CELSO. On the true doctrine. A discourse against de Christians. Trad. R. Joseph Hoffmann, New York: Oxford University Press.
- DROBNER, H. R. Manual de Patrologia. Trad. Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FINK, E. A Filosofia de Nietzsche. Trad. Joaquim Loureço Duarte Peixoto. Lisboa: Editoria Presença, 1988.
- FORTICH, I. F. Nietzsche's Übermensch; the notion of a higher Aristocracy of the future. *Civilizar* 10[18]: 75-80, enero-junio de 2010.
- GIACOA JR, O. O leitor de Nietzsche. Col. Leitores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- JASPERS, K. Nietzsche y el Cristianismo. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial, 2021.
- KAUFMANN, W. Nietzsche, Philosopher, Psychologist and Antichrist. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- LEDURE, Y. Nietzsche et la religion de l'incroyance. Bélgica: Desclée, 1973.
- LOSURDO, D. Nietzsche e a crítica da Modernidade. Trad. Alessandra Siedschlag. São Paulo: Editora Ideias e letras, 2016.
- MACHADO, R. Nietzsche e a Verdade. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1984.
- MORESCHINI, C. História da Filosofia Patrística. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NIETZSCHE, F. W. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Verlag de Gruyter, 1999, 15 Bd.

NIETZSCHE, F. W. Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1986, 8 Bd.

NIETZSCHE, F. W. O Anticristo e Ditirambos de Dionísio. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

NIETZSCHE, F. W. Genealogia da Moral. Uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. Crepúsculo dos Ídolos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

NIETZSCHE, F. W. Ecce Homo. Como Alguém se torna o que se é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PIPPIN, R. Introductions to Nietzsche. Chicago: University of Chicago, 2012.

_____. “O suposto adeus de Nietzsche: o Nietzsche pré-moderno, moderno e pós-moderno”. Nietzsche. Organizado por Bernard Magnus & Katheleen Higgins. São Paulo: Editora Ideias e letras, 2017. p. 301-332.

Recebido / Received: 07/04/2025

Aprovado / Approved: 09/10/25